

Em 18 dias, 49 mortes em maternidade de Fortaleza

Diretoria atribui casos à superlotação, porque os hospitais conveniados recusam pacientes. Só no fim de semana foram 12

Leticia Lins e Isabel de Paula

• RECIFE e BRASÍLIA. A morte de bebês que atingiu maternidades em Boa Vista e Niterói chegou a Fortaleza. Em apenas 18 dias, 49 recém-nascidos morreram na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, considerada unidade de referência no Ceará e agraciada pelo Unicef em 1995 com o título de "Hospital Amigo da Criança". Só no fim de semana foram 12. A direção da maternidade atribuiu as mortes à superlotação.

A diretoria informou que esse número de óbitos é quase 60% maior do que a média. A média é de 45 mortos por mil nascidos vivos, segundo o diretor da mater-

nidade, Chagas de Oliveira. Mas há dois anos era bem menor: 22 por mil, de acordo com a médica Sidineuma Melo Ventura. Com a mortandade nas duas primeiras semanas de novembro, o coeficiente subiu para 71,2 por mil.

A superlotação seria provocada pela falência do sistema público de saúde. É que os hospitais conveniados com o Sistema Único de Saúde costumam rejeitar as gestantes de alto risco e as encaminham para a maternidade. Ela tem 60 leitos, mas há dias em que a demanda chega a 90. Como o número de crianças é sempre maior do que a capacidade do hospital, é difícil dar atendimento adequado, segundo o diretor.

Além das gestantes de Fortaleza, a maternidade é a mais procurada por mulheres da periferia e até do interior do estado.

Oliveira disse que, dos 49 bebês que morreram, 38 eram considerados natimortos, com dificuldades cardíacas, respiratórias ou algum tipo de infecção.

Há dias em que são feitos 45 partos, 22% dos quais de bebês prematuros. A direção da maternidade afirma que os equipamentos estão entre os melhores do Ceará mas, mesmo assim, são insuficientes para a demanda. Com a superlotação, maior movimentação no berçário e insuficiência de equipamentos, a maternidade se torna terreno fértil para a pro-

liferação de infecções, de acordo com a médica Sidineuma.

Ontem Oliveira mandou suspender as internações e orientou o hospital a receber apenas pacientes consideradas de alto risco. E fez um apelo às autoridades sanitárias do estado e do país:

— As autoridades de saúde sabem que problemas como superlotação e insuficiência de equipamentos e de hospitais geram mais problemas. E por que não põem os hospitais da periferia para funcionar a contento? O atendimento precisa ser descentralizado — disse.

Oliveira disse que até mesmo os hospitais particulares de Fortaleza encaminham os casos mais

graves para a maternidade. Segundo o jornal "O Povo", as unidades neonatais de terapia intensiva de Fortaleza funcionam precariamente e não atendem à demanda. A UTI do Hospital Geral de Fortaleza, segundo o jornal, está interditada devido ao alto índice de infecção hospitalar. A do Hospital Infantil Albert Sabin só tem oito leitos e a do Hospital César Cals também está sempre superlotada.

O ministro interino da Saúde, José Carlos Seixas, mandou dois especialistas a Fortaleza para avaliar a situação. Seixas quer saber a causa das mortes e as condições do hospital antes de tomar qualquer providência.

— O hospital sofre de problemas como superlotação e falta de profissionais, mas precisamos verificar as condições de perto — explicou a coordenadora do Programa de Saúde da Criança e do Adolescente do Ministério, Ana Goretti Kalume, uma das técnicas encarregadas de averiguar a situação da maternidade.

A equipe deverá retornar a Brasília até o fim da semana. Difícilmente, o Ministério determinará o fechamento da maternidade ou a suspensão do atendimento. Se o hospital deixar de funcionar, a rede pública não terá capacidade de atender à demanda de partos na região, embora existam 17 maternidades em Fortaleza. ■